



## **A LEITURA LITERÁRIA E A MULHER PRIVADA DE LIBERDADE: um estudo realizado na APAC feminina de Governador Valadares**

Luciana Ribeiro Guimarães<sup>1</sup>  
Nádia Maria Jorge Medeiros<sup>2</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Segundo Antoine Compagnon (2003), a literatura se constitui pelo estranhamento ou a desautorização de formas canonizadas, pois a história literária é formada pela ruptura com a tradição. Nessa perspectiva, correntes literárias que se desenvolveram durante o séc. XX, tais como formalismo e estética da recepção, possibilitaram a revitalização desses estudos que se desenvolveram com a contribuição de conhecimentos advindos de vários campos, como por exemplo, os Estudos Literários.

A leitura nessa percepção é resultado de uma interação. A obra dialoga com o leitor e vice-versa. Sobre isso, Zilberman (2003) analisa que por mais que haja um distanciamento de espaço e tempo do contexto em que a obra foi concebida com seu leitor, uma sintonia de que ela possui relevância para a comunidade de leitores é o fato de que continua a se comunicar com seu destinatário em outro contexto, porque simplesmente continua falando de seu mundo e o ajuda a entendê-lo melhor.

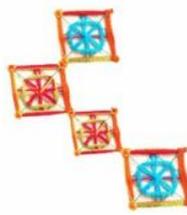
De forma complementar, são nos pilares da relação social da literatura com a cultura e com o mundo – através da leitura literária, que o leitor se constrói reflexivo e mais humanizado. Isso se dá pela eficácia do texto, que toca o leitor através da palavra-arte, que o instrumentaliza para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. Nesse processo, toda leitura possui a capacidade de integrar e agregar conhecimentos, estimulando o leitor a relacionar aquilo que está lendo com outros assuntos que já conhece, favorecendo a articulação de saberes (KLEIMAN; MORAIS, 1999).

Ao falar de funções da literatura, é pertinente a reflexão de Antônio Candido (1972) quando ressalta a tese de que esse tipo de arte tem a capacidade de confirmar a humanidade do homem. Por isso, propõe a discussão das variações da função

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, [lunaguimaraes@gmail.com](mailto:lunaguimaraes@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, [nadia.jorge@ufvjm.edu.br](mailto:nadia.jorge@ufvjm.edu.br).



humanizadora que ela apresenta. O estudioso assinala três funções básicas do texto literário, a saber: a psicológica, a formativa da personalidade e a formativa de conhecimento de mundo e do ser.

Por muito tempo, a arte foi concebida como algo utilitário, e a literatura tinha por objetivo ensinar ou fazer aprender algo. No entanto, ela não é apenas utilitária, de modo que é preciso assumir a fruição que proporciona. Por esses e outros motivos, Candido (1995) a entende como um direito inegável do cidadão. É sob esse aspecto que se firma o problema de pesquisa deste estudo – como se estabelece a relação entre a leitura literária e a mulher, quando esta a experimenta em situação de cárcere. Pretendo, na verdade, observar se o processo de leitura literária no ambiente prisional pode proporcionar à mulher encarcerada o alcance de um letramento literário, ou seja, se o processo de apropriação da literatura, enquanto linguagem, se constitui.

A partir do objetivo geral do trabalho, que é analisar as relações estabelecidas entre a leitura literária e as mulheres presas que cumprem pena privativa de liberdade na APAC feminina de Governador Valadares, surgem os seguintes objetivos específicos: a) refletir a respeito da identidade do sujeito de pesquisa – a mulher privada de liberdade, a partir de questões relacionadas ao gênero, classe social, escolaridade, entre outros aspectos relevantes à pesquisa; b) contextualizar o sistema prisional oferecido pela APAC – Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, especialmente na APAC feminina; c) Compreender o contexto de leitura literária, letramento literário e remição de pena pela leitura dentro do espaço prisional.

Dessa maneira, por meio de análise qualitativa, busco relacionar as teorias apresentadas à pesquisa, proposta através do exercício de observação e registro em caderno de campo, entrevista semiestruturada e sequência didática de textos literários desenvolvidas com as encarceradas. Tal proposta metodológica sofreu alterações em função da pandemia de corona vírus, uma vez que todas as atividades presenciais no presídio foram suspensas desde março deste ano de 2020. A metodologia se baseia, neste momento, no cruzamento e análise de dados alcançados através de questionário e sequências didáticas aplicadas através de vídeo aulas. Assim, busco verificar como se relaciona a mulher encarcerada com o texto literário, nas condições privativas de liberdade em que ela se encontra. Analisar qual o engajamento da mulher presa com a leitura literária e qual compreensão ela faz desse texto é necessário para a pesquisa.



Suponho, portanto, que o diálogo dessa mulher presa leitora com o texto literário permita a sua emancipação e libertação como indivíduo. Espero que isso a torne mais humanizada a partir do momento em que se depara com novas ou velhas situações, percebidas pelo texto ficcional através da leitura literária e que esse sujeito de pesquisa seja capaz de refletir sobre tais situações. Esse novo olhar pode propiciar a reflexão e uma possível nova atuação dela, no meio carcerário em que vive.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Esta investigação se enquadra numa metodologia de pesquisa qualitativa. Não há preocupação com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Nesse sentido, identifica-se aqui a pesquisa qualitativa que recusa o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que, dentro dessa postura, não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças o contaminem (GOLDENBERG, 1999).

A construção se faz a partir da observação dos sujeitos da pesquisa em suas atividades no ambiente escolar carcerário como alunas da EJA (Educação de Jovens e Adultos) dentro da prisão; entrevista semiestruturada; desenvolvimento de sequências didáticas de textos literários, que gerarão a produção de textos orais e escritos das participantes.

A prática da observação num trabalho de campo consiste em algo elaborado, que requer estrutura e planejamento que atendam devidamente aos objetivos pretendidos no trabalho através de técnicas específicas. Afinal, trata-se de um recurso significativo para a coleta de dados.

Para que ser torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.25)

A observação, nesta pesquisa, possibilita ver e compreender determinadas situações do ambiente escolar na instituição prisional, para que sejam alcançadas abstrações acerca dos fatos, dos comportamentos e das falas dos sujeitos de pesquisa.

Oliveira (1996) pontua a respeito do ato de olhar, ouvir e escrever do pesquisador no trabalho de campo. Apesar de serem determinações a respeito de trabalho



etnográfico, entendo que sejam pertinentes a esta pesquisa por conter nela características de trabalho etnográfico, mesmo não o sendo efetivamente. Segundo Oliveira (1996), é importante domesticar teoricamente o olhar, uma vez que o pesquisador altera aquilo que observa a partir do seu próprio modo de visualizá-lo. Ou seja, ao pesquisador é necessário conhecer teoricamente, previamente, como se estrutura a vida e o cotidiano do grupo que observa, para que seja evitado um olhar ingênuo sobre o objeto.

Nessa mesma sequência de ideias, Oliveira (1996) continua afirmando que o ouvir, assim como o olhar, é também ato de extrema importância para o pesquisador no trabalho de campo e ambos não podem ser adotados como independentes na investigação. São elementos que se complementam, revelando mutuamente informações primordiais para o pesquisador. O ato de ouvir, por exemplo numa entrevista, não de fácil cumprimento, pois a ele estão inseridos contextos divergentes de vivências entre o pesquisador e o entrevistado. Trata-se de uma relação entre interlocutores, tornando-se assim numa relação dialógica que ultrapassa o mero ato de uma entrevista pura e secamente aplicada.

Se aparentemente a entrevista tende a ser encarada como algo sem maiores dificuldades (...), ela torna-se muito mais complexa quando consideramos que a maior dificuldade está na diferença entre “ídiomas culturais”, a saber, entre o mundo do pesquisador e do nativo, esse mundo estranho no qual desejamos penetrar. (OLIVEIRA, 1996, p. 20)

Ainda com base no que expõe Oliveira (1996), o ato da escrita se faz extremamente importante para o trabalho de campo do pesquisador e tem características mais críticas, enquanto o olhar e o ouvir estão mais ligados à cognição. Geertz, *apud* Oliveira, afirma que são atos muito distintos entre “estar lá” e “estar aqui”, para falar a respeito de o que são as impressões do pesquisador enquanto presente no trabalho de campo e quando este está na privacidade de sua introspecção escrita, no momento de registro de suas impressões através da escrita.

Devemos entender, assim, por escrever o ato exercitado por excelência no gabinete, cujas características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o compararmos com o que se escreve no campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas. (OLIVEIRA, 1996, p.22)

Além da observação e da entrevista semiestruturada, serão aplicadas sequências didáticas, no modelo proposto por Rildo Cosson (2006) em seu *Letramento Literário: teoria e prática*. Entendo que a produção de textos orais e escritos, gerada



através dessas sequências didáticas, seja bastante relevante para a pesquisa. Trata-se, pois, do discurso que a mulher presa faz a respeito de si e de seu entendimento de mundo através leitura literária feita por ela. Intento com esse material, identificar algumas marcas textuais que revelem não só reflexões sobre a leitura literária, mas também o diálogo da mulher presa com o seu leitor e com o texto.

Pretendo cruzar os dados coletados no discurso dessa escrita, com aqueles alcançados através das narrativas orais das investigadas através da observação registrada em caderno de campo; com a entrevista; com o resultado das sequências didáticas desenvolvidas.

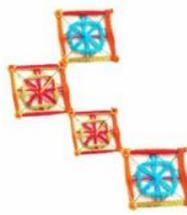
A pandemia de corona vírus interferiu diretamente na metodologia do trabalho. Uma vez que as atividades presenciais foram suspensas na instituição prisional onde se realiza a pesquisa, todas as propostas metodológicas tiveram de sofrer alterações a fim de adaptação a este novo contexto de vida. A entrevista semiestruturada deu lugar a um questionário e as sequencias didáticas foram toras adaptadas a vídeo aulas gravadas previamente, já que as presas do regime fechado não têm acesso à internet. Também foi descartado o uso de caderno de campo, já que a observação não pode ser realizada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Depreende-se, a partir do que aborda Cândido (2006), que são nos pilares da relação social da literatura com o mundo e com a cultura, que o leitor se constrói reflexivo, mais humanizado pela força do texto ficcional. Entendendo a literatura nessa perspectiva, justifica-se a reflexão sobre a relação que o sujeito pode estabelecer com a leitura de textos literários quando está em situação de privação de liberdade. Dada a influência da literatura sobre o indivíduo, podem ser estabelecidas relações de humanização da pessoa, de formação do indivíduo, de libertação, socialização.

Cândido (2006) aponta o caráter social da arte, uma vez que ela produz no indivíduo um efeito prático, capaz de modificar a conduta da pessoa e sua concepção de mundo, reforçando os valores sociais.

Além disso, há também outra relação importante estabelecida entre o sujeito privado de liberdade e a literatura: a possibilidade de diminuição da pena. Tal possibilidade é estabelecida pela recomendação do CNJ, 2013, que garante ao preso oportunidade de remição por leitura.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São diversos os motivos pelos quais a pessoa presa lê, como por exemplo, para diminuir seu tempo de pena, para ocupar o tempo na prisão, para se “desligar” da realidade através da ficção, entre outros. Sendo assim, quanto mais se investiga sobre esse tema, melhor se pode compreender as possíveis dimensões da relação entre a literatura, através da leitura literária, e o sujeito preso.

A prisão é constituída entre seu discurso penitenciário e o efeito de consolidação da delinquência ao qual promove. Quanto mais a prisão estiver em conformidade aos recursos socializadores que a envolvem, como prestações de serviços médicos, psicológicos, sociais e pedagógicos, menos útil será a prisão em meio a esses dispositivos de normalização. (FOUCAUT, 1999)

**Palavras-chave:** Mulher. Cárcere. Leitura Literária

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e cultura**. São Paulo, v. 24, n. 9, set. 1972, p. 803-809.

\_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 2006.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1999. 288p.

KLEIMAN, A. B. & MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1996. V.39 nº 1.

ZILBERMAN & SILVA. **Literatura e Pedagogia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.